

Jane Austen

As a book reader
there they have
to buy P...
something

Orgoglio
preconfeito

Oigulho
e Lho
preconceito

Jane Austen

O orgulho
e o preconceito

Tradução

ROBERTO LEAL FERREIRA

MARTIN  CLARET

Sumário

[Anterosto](#)

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Página de direitos autorais](#)

Orgulho
e
Preconceito

Capítulo 1

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa.

Por menos conhecidos que sejam os sentimentos ou as ideias de tal homem ao entrar pela primeira vez em certo lugarejo, tal verdade está tão bem arraigada na mente das famílias que o rodeiam, que ele vem a ser considerado propriedade legítima de uma ou outra de suas filhas.

— Meu caro sr. Bennet — disse-lhe a esposa certo dia —, sabia que Netherfield Park foi enfim alugado?

Respondeu o sr. Bennet que não.

— Mas foi — tornou ela —, pois a sra. Long acaba de vir aqui e me contar tudo sobre o assunto.

O sr. Bennet não deu nenhuma resposta.

— Não quer saber quem o alugou? — exclamou a mulher com impaciência.

— Você quer contar, e eu não tenho nada contra ouvir o que tem a me dizer.

Isso já lhe pareceu um bom convite.

— Ora, meu querido, como você sabe, a sra. Long diz que Netherfield foi alugado por um jovem de amplas posses do norte da Inglaterra; que ele chegou para ver o lugar na segunda-feira, numa *chaise* puxada por quatro cavalos, e ficou tão encantado com o que viu, que de imediato entrou em acordo com o sr. Morris. Ele deve mudar-se antes do dia de São Miguel, e alguns dos seus criados já devem chegar no fim da semana que vem.

— Qual é o nome dele?

— Bingley.

— É casado ou solteiro?

— Ah! Solteiro, meu querido, com toda a certeza! Um rapaz solteiro de muitas posses; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para as nossas meninas!

— Como assim? Que tem isso a ver com elas?

— Meu querido sr. Bennet — tornou a mulher —, como você é aborrecido! Já devia ter entendido que estou pensando em casá-lo com uma delas.

— É essa a intenção da vinda dele para cá?

— Intenção! Bobagem, como pode falar uma coisa dessas! Mas é muito provável que ele *possa* apaixonar-se por uma delas, e por isso você deve visitá-lo assim que ele chegar.

— Não vejo por quê. Você e as meninas podem ir, ou pode mandá-las sozinhas, o que talvez seja ainda melhor, pois, como você é tão bonita quanto qualquer uma delas, talvez o sr. Bingley eleja você como a melhor do grupo.

— Meu querido, fico lisonjeada. Eu certamente *tive* a minha beleza, mas não tenho mais a ilusão de ser nada de extraordinário. A mulher que já tem cinco filhas crescidas deve deixar de se preocupar com a própria beleza.

— Em tais casos, é raro a mulher ainda ter alguma beleza com que se preocupar.

— Mas, querido, você deve mesmo ir ver o sr. Bingley quando ele se mudar para cá.

— Fique sabendo que não vou garantir-lhe isso.

— Mas pense nas suas filhas. Pense na boa situação que seria para uma delas. *Sir William* e *Lady Lucas* estão decididos a ir, simplesmente por esse motivo, pois em geral, você sabe, eles não visitam os recém-chegados. Você tem de ir, pois será impossível que *nós* o visitemos se você não for.

— Isso é excesso de zelo, sem dúvida. Estou certo de que o sr. Bingley ficará muito contente em vê-la; e eu vou mandar a ele um bilhete por seu intermédio, garantindo-lhe o meu caloroso consentimento ao casamento dele com qualquer uma das minhas filhas, à escolha dele; mas devo escrever umas palavrinhas em favor da minha pequena Lizzy.

— Não quero que você faça isso. Lizzy não é nem um pouco melhor do que as outras; e tenho certeza de que não tem a metade da beleza de Jane, nem metade do bom humor de Lydia. Mas você sempre dá a *ela* a preferência.

— Nenhuma delas tem muita coisa que as recomende — replicou ele —; são todas tolas e ignorantes, como as meninas sempre são; mas Lizzy é um pouco mais esperta do que as irmãs.

— Sr. Bennet, como *pode* insultar assim suas próprias filhas? Você adora aborrecer-me. Não tem pena dos meus pobres nervos.

— Engano seu, querida. Tenho muito respeito por seus nervos. São meus velhos amigos. Ouvi você mencioná-los com muita consideração nos últimos vinte anos, pelo menos.

— Ah, você não sabe como eu sofro.

— Mas espero que você supere o problema e viva o bastante para ver muitos jovens de quatro mil libras de renda virem para o nosso lugarejo.

— De nada adiantaria para nós se vinte deles viessem e você não fosse visitá-los.

— Não seja por isso, querida. Quando os vinte tiverem chegado, vou visitar todos eles.

Era o sr. Bennet uma mistura tão estranha de agudeza, de humor sarcástico, de reserva e de capricho, que a experiência de vinte e três anos não fora suficiente para que sua esposa entendesse o seu jeito de ser. A mente *dela* era menos difícil de descrever. Era uma mulher de inteligência medíocre, pouca cultura e temperamento inconstante. Quando se contrariava, imaginava estar doente dos nervos. Seu objetivo na vida era ver as filhas casadas; seu consolo, as visitas e as fofocas.

Capítulo 2

Esteve o sr. Bennet entre os primeiros a visitar o sr. Bingley. Sempre tivera a intenção de visitá-lo, embora até o fim garantisse à mulher que não iria; e até uma noite depois de a visita ter sido feita a sra. Bennet não teve conhecimento dela. Foi informada a respeito da seguinte maneira. Ao observar a segunda filha ocupada em enfeitar um chapéu, o sr. Bennet de repente se dirigiu a ela com estas palavras:

— Espero que o sr. Bingley o aprecie, Lizzy.

— Não temos como saber de *que* o sr. Bingley gosta — disse a mãe, ressentida —, já que não vamos visitá-lo.

— Mas a senhora esquece, mamãe — disse Elizabeth —, que vamos encontrá-lo nas festas e que a sra. Long prometeu apresentar-nos a ele.

— Não creio que a sra. Long faça isso. Ela tem duas sobrinhas, é egoísta e hipócrita. Não tenho boa opinião sobre ela.

— Nem eu — disse o sr. Bennet —, e fico feliz em saber que você não depende dos serviços dela.

A sra. Bennet não se dignou responder, mas, incapaz de se conter, começou a repreender uma das filhas.

— Pare de tossir, Kitty, pelo amor de Deus! Tenha um pouco de pena dos meus nervos. Assim você acaba com eles.

— Kitty não é discreta quando tosse — disse o pai. — Sempre escolhe a hora errada para tossir.

— Não tusso por diversão — replicou Kitty, irritada. — Quando vai ser o seu próximo baile, Lizzy?

— Daqui a quinze dias.

— É isso mesmo — exclamou a mãe —, e a sra. Long só volta na véspera; vai ser impossível que ela o apresente, pois nem ela o conhecerá.

— Então, querida, você estará em vantagem sobre a sua amiga e poderá apresentar o sr. Bingley a *ela*.

— Impossível, sr. Bennet, impossível, se nem eu mesma o conheço. Como você consegue me provocar!

— Louvo a sua prudência. É decerto superficial o conhecimento que se tem por apenas quinze dias. Não podemos saber o que um homem realmente é ao cabo de uma quinzena. Mas se *nós* não arriscarmos, outras pessoas o farão; e, afinal, a sra. Long com as filhas devem arriscar a sorte; e, portanto, já que ela considerará tal ato uma gentileza, se você negar-se a fazê-lo, eu mesmo o farei.

As meninas olharam para o pai, espantadas. A sra. Bennet só disse:

— Bobagens, bobagens!

— Qual será o significado de tão enfática exclamação? — comentou ele. — Você considera bobagem as formalidades de apresentação e a importância que é dada a elas? Não concordo com você *nesse* ponto. Que você me diz, Mary? Sei que você é uma mocinha profundamente reflexiva, que lê grandes livros e faz resumos deles.

Mary queria dizer algo inteligente, mas não sabia o quê.

— Enquanto Mary concatena as ideias — prosseguiu ele —, voltemos ao sr. Bingley.

— Estou cansada do sr. Bingley — exclamou a mulher.

— Lamento saber *disso*; mas por que não me disse antes? Se o soubesse hoje de manhã, decerto não teria ido visitá-lo. É muito azar. Mas, agora que eu já fiz a visita, não podemos deixar de conhecê-lo.

O espanto das mulheres era exatamente o que ele queria; o da sra. Bennet talvez superasse o das demais; passado o primeiro arroubo de alegria, porém, ela declarou que contara com aquilo desde o começo.

— Quanta bondade a sua, querido sr. Bennet! Mas eu sabia que o convenceria, afinal. Tinha certeza de que você ama demais as filhas para desdenhar tal relação. Estou tão contente! E foi muito engraçado, também, você ter ido de manhã, sem dizer nada até agora.

— Kitty, agora você pode tossir à vontade — disse o sr. Bennet; e, ao dizer isso, saiu da sala, cansado dos arroubos da esposa.

— Que excelente pai vocês têm, meninas! — disse ela, quando a porta se fechou. — Não sei como vocês vão poder retribuir essa gentileza dele; ou eu mesma, aliás. Garanto a vocês que nesta altura da vida não é agradável conhecer novas pessoas a cada dia; mas, por vocês, nós faríamos qualquer coisa. Lydia, meu amor, apesar de ser a mais moça, aposto que o sr. Bingley vai dançar com você no próximo baile.

— Ah! — disse Lydia com decisão. — Não estou com medo; pois, apesar de *ser* a mais moça, sou também a mais alta.

Passaram o resto do tempo a calcular quando ele iria retribuir a visita do sr. Bennet, e a determinar quando poderiam convidá-lo para jantar.

Capítulo 3

Nem as inúmeras perguntas, porém, que a sra. Bennet, com a ajuda das cinco filhas, fez sobre o assunto bastaram para arrancar do marido uma descrição satisfatória do sr. Bingley. Atacaram-no em diversas frentes — com perguntas diretas, hipóteses inteligentes e vagas conjeturas; mas ele se furtou das astúcias de todas elas, e por fim elas tiveram de aceitar o relato de segunda mão feito pela vizinha, *Lady* Lucas. Sua descrição foi muito favorável. *Sir* William ficara encantado com ele. Era muito jovem, de grande beleza, extremamente agradável e, coroando tudo isso, planejava ir à próxima festa com um grupo numeroso de pessoas. Nada podia ser mais delicioso! Gostar de dançar já era um passo certo na direção da paixão; o que fez nascerem as mais vivas esperanças quanto ao amor do sr. Bingley.

— Se eu puder ver uma das minhas filhas bem estabelecida em Netherfield — disse a sra. Bennet ao marido —, e todas as outras igualmente bem-casadas, não vou querer mais nada.

Poucos dias depois, o sr. Bingley retribuiu a visita do sr. Bennet e permaneceu por cerca de dez minutos com ele na biblioteca. Viera na esperança de lhe ser permitido ver as jovens senhoritas, de cuja beleza ouvira muito falar; mas pôde ver apenas o pai. As senhoritas tiveram melhor sorte, pois puderam verificar de uma das janelas de cima que ele vestia um sobretudo azul e montava um cavalo negro.

Pouco depois foi enviado um convite para jantar; e a sra. Bennet já havia planejado os pratos que dariam lustro aos seus dons de boa dona de casa, quando chegou uma resposta que postergou tudo aquilo. O sr. Bingley tinha de ir a Londres no dia seguinte, e, por esse motivo, não podia aceitar a honra do convite, etc. A sra. Bennet ficou muito desconcertada. Não conseguia imaginar que negócios ele podia ter em Londres logo depois da

chegada a Hertfordshire; e começou a temer que talvez ele vivesse sempre indo de um lado para outro, e nunca se estabelecesse em Netherfield como devia. *Lady* Lucas acalmou um pouco os seus temores ao aventar a ideia de que ele tivesse ido a Londres só para reunir um numeroso grupo de amigos para o baile; e logo veio a notícia de que o sr. Bingley traria consigo doze senhoritas e sete cavalheiros à festa. As meninas lamentaram a grande quantidade de senhoritas, mas se reconfortaram um dia antes do baile ao saber que, em vez de doze, ele trouxera apenas seis de Londres — suas cinco irmãs e uma prima. E, quando o grupo entrou no salão de baile, compunha-se no total de só cinco pessoas, o sr. Bingley, duas irmãs, o marido da mais velha e outro rapaz.

O sr. Bingley tinha boa aparência e modos de cavalheiro; feições agradáveis e maneiras simples, sem nenhuma afetação. As irmãs eram mulheres lindas, com ar muito elegante. O cunhado, o sr. Hurst, não tinha a aparência de um cavalheiro; mas seu amigo, o sr. Darcy, logo chamou a atenção do salão pela figura elegante e alta, as belas feições, o porte nobre e a notícia, que passou a circular cinco minutos depois da chegada, de que dispunha de uma renda de dez mil libras por ano. Os cavalheiros declararam-no um belo espécime de homem, as moças declararam-no muito mais bonito do que o sr. Bingley, e ele foi observado com grande admiração durante metade da festa, até que seus modos provocaram certo descontentamento, que virou a maré da sua popularidade; pois descobriram todos que ele era orgulhoso, achava-se superior aos presentes, e não podiam agradar-lhe; e nem todas as suas propriedades em Derbyshire podiam evitar que tivesse as mais desagradáveis e insuportáveis feições e fosse indigno de ser comparado ao amigo.

O sr. Bingley logo fez amizade com todas as principais pessoas do salão; era animado e expansivo, dançava todas as danças, zangou-se porque o baile acabou tão cedo e falou em dar ele mesmo um baile em Netherfield. Tais qualidades simpáticas falavam por si mesmas. Que contraste entre ele e o amigo! O sr. Darcy só dançou uma vez com a sra. Hurst e outra com a srta. Bingley, recusou-se a ser apresentado a qualquer mulher e passou o resto da festa a caminhar pelo salão, conversando de quando em quando

com alguém de seu próprio grupo. Não havia dúvida sobre seu caráter. Era o mais orgulhoso e desagradável homem do mundo, e todos esperavam que nunca mais aparecesse por ali. Entre os mais violentamente contrários a ele estava a sra. Bennet, cuja repulsa a tal comportamento fora exacerbada por ter ele desdenhado uma de suas filhas.

Elizabeth Bennet fora obrigada pela escassez de homens a tomar chá de cadeira por duas danças; e durante parte desse tempo o sr. Darcy esteve de pé junto a ela, que estava próxima o bastante para ouvir uma conversa entre ele e o sr. Bingley, quando este, descansando da dança por cinco minutos, insistia com o amigo para que também dançasse.

— Vamos, Darcy — disse ele —, tenho de fazer você dançar. Odeio ver você aí, sozinho, como um bobo. Seria muito melhor que viesse dançar.

— Não, mesmo. Você sabe que detesto dançar, a menos que já conheça bem a parceira. Numa festa como esta, seria insuportável. As suas irmãs já estão acompanhadas e não há outra mulher na sala cuja companhia não seria um suplício para mim.

— Eu não seria tão rabugento como você — exclamou o sr. Bingley —, com toda a certeza! Palavra de honra, nunca encontrei tantas meninas divertidas na vida como esta noite; e muitas delas são incrivelmente lindas.

— *Você* está dançando com a única menina linda do salão — disse o sr. Darcy, olhando para a mais velha das srtas. Bennet.

— Ah! Ela é a criatura mais linda que já vi! Mas uma das irmãs dela, sentada logo atrás de você, é muito bonita e parece ser muito divertida também. Deixe-me pedir ao meu par que a apresente a você.

— A quem você se refere? — e, voltando-se, olhou por um momento para Elizabeth, até que, cruzando seu olhar com o dela, o desviou e disse friamente: — É suportável, mas não bonita o bastante para *me* animar; não estou com paciência no momento para dar atenção a mocinhas que foram desdenhadas por outros homens. Vá, volte para junto do seu par e aprecie os sorrisos dela, pois está perdendo tempo comigo.

O sr. Bingley seguiu o conselho. O sr. Darcy afastou-se; e não foram sentimentos cordiais os que Elizabeth sentiu por ele. Ela contou a história,

porém, com muito humor para os amigos; pois tinha um temperamento animado e bem-humorado, que se divertia com tudo que fosse ridículo.

A festa passou-se agradavelmente para toda a família. A sra. Bennet viu sua filha mais velha sendo muito admirada pelos convidados de Netherfield. Dançara o sr. Bingley com ela duas vezes, e as irmãs dele deram-lhe muita atenção. Jane ficou tão contente com isso quanto a mãe, mas de um jeito mais discreto. Elizabeth percebeu a satisfação de Jane. Mary soubera que fora descrita à srta. Bingley como a mocinha mais culta da vizinhança; e Catherine e Lydia tiveram a boa sorte de nunca ficarem sem par, o que era a sua única preocupação num baile, segundo o que tinham aprendido. Voltaram todas, portanto, de bom humor para Longbourn, a aldeia onde viviam, e da qual eram os principais habitantes. Encontraram o sr. Bennet ainda acordado. Com um livro nas mãos, perdia a noção do tempo; e no presente caso tinha muita curiosidade em saber as novidades da festa que provocara tão esplêndidas expectativas. Nutrira até a esperança de que os planos da mulher acerca do estranho fossem frustrados; mas logo descobriu que iria ouvir uma história diferente.

— Ah! Meu querido sr. Bennet — disse ela ao entrar na sala —, estivemos numa festa deliciosa, num baile excelente. Você devia ter ido. Jane foi tão festejada, que mais não podia ser. Todos comentaram como estava linda; e o sr. Bingley se encantou com a sua beleza e dançou com ela duas vezes! Pense *nisso*, querido; ele realmente dançou com ela duas vezes! E foi ela a única criatura no salão que ele tirou duas vezes para dançar. Primeiro, ele chamou a srta. Lucas. Fiquei tão irritada em vê-lo com ela! Mas ele não se encantou nem um pouquinho com ela; na verdade, isso não acontece com ninguém. Mas pareceu muito impressionado com Jane ao acabar de dançar. Então ele perguntou quem era ela e lhe foi apresentado e a convidou para as duas danças seguintes. Dançou, então, as duas terceiras com a srta. King, depois as duas quartas com Maria Lucas e mais as duas quintas com Jane de novo, e depois as duas sextas com Lizzy, e o *Boulanger*...

— Se ele tivesse alguma compaixão de *mim* — exclamou seu marido, com impaciência —, não teria dançado nem metade disso tudo! Pelo amor

de Deus, não me fale mais nada dos seus pares. Ah! Se ele tivesse torcido o tornozelo na primeira dança!

— Ah! Querido, eu o achei encantador. Ele é bonito até demais! E as irmãs são mulheres maravilhosas. Nunca na vida vi nada mais elegante do que os vestidos delas. Acho até que o laço sobre a saia da sra. Hurst...

Nesse ponto ela foi interrompida mais uma vez. O sr. Bennet protestava contra qualquer descrição dos trajes. Foi, portanto, obrigada a procurar outro assunto, e se referiu, num tom muito amargo e com algum exagero, à chocante grosseria do sr. Darcy.

— Mas posso garantir-lhe — acrescentou ela — que Lizzy não perde muito por não corresponder às fantasias *dele*; pois se trata de um homem desagradabilíssimo, medonho, que não merece consideração. Tão convencido e com tanta empáfia, que ninguém o suportava! Andava para lá e para cá, imaginando-se tão superior! Não bonita o bastante para dançar com ele! Gostaria que você estivesse lá, querido, para lhe aplicar uma de suas tiradas ferozes. Ah, como detesto aquele homem.

Capítulo 4

Quando Jane e Elizabeth ficaram sozinhas, a primeira, que antes fora discreta em seus elogios ao sr. Bingley, confidenciou à irmã o quanto o admirava.

— Ele é exatamente como um jovem deve ser — disse ela —: sensato, bem-humorado, animado; e nunca vi modos tão alegres! Tanta desenvoltura com tanta educação!

— Ele também é lindo — replicou Elizabeth —, o que um jovem também deve ser, se possível. Seu caráter fica assim completo.

— Fiquei muito lisonjeada quando ele me convidou a segunda vez para dançar. Não esperava um tal cumprimento.

— Ficou mesmo, não é? Pois eu fiquei orgulhosa por você. Mas esta é a maior diferença entre nós. Os cumprimentos sempre pegam *você* desprevenida, e nunca a *mim*. O que poderia ser mais natural do que ele tirar você de novo para dançar? Ele não podia deixar de reparar que você era cinco vezes mais bonita do que qualquer outra mulher no salão. Você nada deve à galanteria dele por isso. Ele é mesmo muito simpático, e eu lhe dou minha permissão para gostar dele. Você já gostou de muitas pessoas mais estúpidas.

— Lizzy, querida!

— Ah! Você sabe que tem muita propensão a gostar das pessoas em geral. Nunca vê defeito em ninguém. Todos são bons e simpáticos aos seus olhos. Nunca vi você falar mal de um ser humano em toda a minha vida.

— Não gostaria de ser precipitada ao censurar alguém; mas sempre digo o que penso.

— Sei disso; e é *isso* que me dá o que pensar. Com o *seu* bom-senso, ser tão sinceramente cega para as loucuras e absurdos dos outros! Afetar

candura é uma coisa muito comum (topamos com isso a toda hora). Mas ser cândida sem ostentação ou intenção (pegar o que há de bom no caráter de todos e torná-lo ainda melhor, e nada dizer do que há de mal), só mesmo você. E então, gostou das irmãs do rapaz, não é? O comportamento delas não é igual ao dele.

— Certamente não; no começo. Mas são mulheres muito agradáveis quando conversamos com elas. A srta. Bingley vem morar com o irmão e tomar conta da casa; e ou estou muito enganada, ou teremos nela uma vizinha das mais encantadoras.

Elizabeth ouviu em silêncio, mas não ficou convencida; o comportamento delas na festa não fora calculado para agradar a todos; e com uma observação mais aguda e um temperamento menos dócil do que o da irmã, e com um juízo sem qualquer compromisso com seus interesses pessoais, estava muito pouco disposta a aprová-las. Eram elas, na verdade, mulheres muito finas; não lhes faltava o bom humor quando se divertiam, nem a capacidade de se tornar agradáveis quando o queriam, mas eram orgulhosas e presumidas. Eram bonitas, haviam sido educadas num dos principais colégios particulares de Londres, tinham um capital de vinte mil libras, o hábito de gastar mais do que deviam e de se associar a pessoas de alta condição, e dispunham, portanto, de todas as razões para pensar bem de si mesmas e mal dos outros. Eram de uma respeitável família do norte da Inglaterra; circunstância mais profundamente gravada em suas memórias do que o fato de a riqueza do irmão e delas mesmas ter sido obtida no comércio.

Herdara o sr. Bingley bens avaliados em cerca de cem mil libras do pai, que tivera a intenção de adquirir um imóvel, mas não viveu o bastante para pôr em prática o plano. O sr. Bingley tinha a mesma intenção e às vezes se punha a escolher um condado; mas, como agora tinha uma boa casa e a liberdade de um proprietário, muitos dos que mais conheciam a desenvoltura de seu caráter não duvidavam que ele iria passar o resto da vida em Netherfield e deixar as aquisições para a próxima geração.

Suas irmãs estavam ansiosas por vê-lo com uma propriedade que lhe fosse própria; mas, embora por enquanto não passasse de um inquilino, a

srta. Bingley de modo algum estava menos disposta a presidir a sua mesa — nem a sra. Hurst, que se casara com um homem mais elegante do que rico, estava menos disposta a considerar a casa dele como sua, quando lhe convinha. Ainda não se haviam passado dois anos desde que o sr. Bingley atingira a maioridade, quando se sentiu tentado por uma recomendação accidental a ir ver a casa de Netherfield. Foi, de fato, vê-la e passou meia hora percorrendo-a — gostou da localização e dos cômodos principais, ficou satisfeito com os elogios que o proprietário fez ao imóvel, e fechou o negócio de imediato.

Entre ele e Darcy havia uma amizade muito firme, apesar da grande diferença de personalidades. Bingley havia conquistado a admiração de Darcy pela desenvoltura, pela franqueza e pela docilidade de natureza, embora nenhum temperamento pudesse oferecer maior contraste com o seu e embora nunca se mostrasse insatisfeito com sua própria disposição. Bingley tinha total confiança na energia do olhar de Darcy, e a mais alta opinião sobre o julgamento dele. Quanto à inteligência, Darcy era o mais dotado. A inteligência de Bingley não era de modo algum deficiente, mas a de Darcy era superior. Era ao mesmo tempo arrogante, reservado e exigente, e os seus modos, embora educados, não eram convidativos. Nesse aspecto, o seu amigo levava ampla vantagem. Bingley tinha a certeza de agradar onde quer que aparecesse, e Darcy era sempre desagradável.

O modo como falaram a respeito da festa de Meryton foi bastante característico. Bingley jamais encontrara na vida gente mais divertida nem mocinhas mais bonitas; todos para com ele haviam sido muito gentis e atenciosos; com ele não havia formalidades nem rigorismos; logo se viu em bons termos com todo o salão; e, no que se referia à srta. Bennet, não podia imaginar um anjo mais belo. Darcy, ao contrário, vira um grupo de pessoas em que não havia beleza nem elegância, por nenhuma das quais sentira o mínimo interesse e das quais não recebera nem atenção nem prazer. Reconhecia que a srta. Bennet era bonita, mas excessivamente sorridente.

A sra. Hurst e a irmã concordaram — mas mesmo assim tiveram admiração e apreço por ela e a consideraram uma doce menina, alguém sobre quem não se recusariam a saber mais. Declararam a srta. Bennet,

portanto, um amor de menina, e seu irmão se sentiu autorizado por tal elogio a pensar sobre ela o que quisesse.

Capítulo 5

À distância de uma breve caminhada de Longbourn vivia uma família de que os Bennet eram especialmente íntimos. *Sir* William Lucas praticara havia tempo o comércio em Meryton, onde juntara uma riqueza razoável e obtivera a honra de receber o título de cavaleiro por um discurso ao rei pronunciado enquanto era prefeito. A honraria talvez tenha sido demasiada para ele. Levou-o a perder o gosto pela profissão e pela pequena cidade comercial onde vivia; e, abandonando ambas as coisas, mudara-se com a família para uma casa a cerca de uma milha de Meryton, chamada a partir de então de Mansão Lucas, onde podia meditar prazerosamente sobre a própria importância e, livre dos negócios, ocupar-se exclusivamente em ser gentil com todos. Pois, embora orgulhoso de sua nova condição, não se tornou arrogante; ao contrário, era só atenção com todo o mundo. Inofensivo por natureza, afetuoso e atencioso, a apresentação em St. James tornara-o cortês.

Era *Lady* Lucas uma excelente mulher, mas não inteligente demais para ser uma ótima vizinha da sra. Bennet. Tinham muitos filhos. O mais velho deles, uma moça sensata e inteligente de cerca de vinte e sete anos, era amiga íntima de Elizabeth.

Que as srtas. Lucas e as srtas. Bennet se reunissem para conversar sobre o baile era algo absolutamente necessário; e a manhã seguinte à festa trouxe as primeiras a Longbourn para ouvir e falar.

— *Você* começou bem a noite, Charlotte — disse a sra. Bennet com gentil comedimento à srta. Lucas. — *Você* foi a primeira escolha do sr. Bingley.

— Sim, mas ele pareceu preferir a segunda.

— Ah! Você deve estar referindo-se a Jane, pois ele dançou com ela duas vezes. Com certeza *pareceu* que ele a tivesse admirado... de fato, estou propensa a acreditar que *sim*... Ouvi algo a esse respeito... mas não sei bem o quê... alguma coisa sobre o sr. Robinson.

— Talvez você esteja referindo-se ao que escutei sobre ele e o sr. Robinson; eu não lhe contei? Quando o sr. Robinson perguntou a ele o que achava das nossas festas de Meryton, e se não achava que havia muitíssimas mulheres lindas no salão e *qual*, em sua opinião, era a mais bonita, ele respondeu de imediato à última pergunta: “Ah! A mais velha das srtas. Bennet, sem dúvida; não pode haver duas opiniões a esse respeito”.

— Meu Deus! Bom, isso é muito enfático... até parece que... mas, afinal, pode não querer dizer nada...

— O que *eu* ouvi foi mais interessante do que o que *ocê*, Eliza, ouviu — disse Charlotte. — O sr. Darcy não é tão digno de ser ouvido quanto o amigo, não é verdade?... coitada da Eliza!... ser só *suportável*.

— Por favor, não ponha na cabeça de Lizzy que ela deva zangar-se com essa afronta, pois ele é um homem tão desagradável, que seria uma verdadeira desgraça ser apreciada por ele. Disse-me a sra. Long a noite passada que ele se sentou ao seu lado durante meia hora e nem sequer abriu a boca.

— Tem certeza, minha senhora?... Não haverá aí algum pequeno engano? — disse Jane. — Tenho certeza de ter visto o sr. Darcy a conversar com ela.

— Ah... porque ela enfim lhe perguntou se estava gostando de Netherfield, e ele não teve como deixar de responder. A sra. Long me disse que ele ficou irritadíssimo por terem dirigido a palavra a ele.

— Disse-me a srta. Bingley — tornou Jane — que ele não é nunca de falar muito, a não ser com os conhecidos mais íntimos. Com *elas*, ele é muitíssimo agradável.

— Não acredito numa só palavra disso tudo, querida. Se ele fosse assim tão agradável, teria dirigido a palavra à sra. Long. Mas posso imaginar o que se passou; todos dizem que ele tem o rei na barriga, e aposto que ele

ouviu falar que a sra. Long não tem carruagem e chegou ao baile numa *chaise* alugada.

— Não me importa que ele não tenha conversado com a sra. Long — disse a srta. Lucas —, mas gostaria que ele tivesse dançado com Eliza.

— Da próxima vez, Lizzy — disse sua mãe —, eu não dançaria com *ele* se eu fosse você.

— Acho, minha senhora, que posso prometer-lhe que *jamais* dançarei com ele.

— O orgulho dele — disse a srta. Lucas — não *me* ofende tanto quanto de costume, pois tem uma desculpa. Não é de admirar que um jovem tão distinto, com família, riqueza, tudo a seu favor, tenha a si mesmo em alta consideração. Ele tem o *direito* de ser orgulhoso, por assim dizer.

— Isso é verdade — replicou Elizabeth —, e eu não teria dificuldade em perdoar o orgulho *dele*, se ele não tivesse ferido o *meu*.

— O orgulho — observou Mary, que se gabava da solidez de suas reflexões — é um defeito muito comum. Por tudo que já li, tenho certeza de que é muitíssimo comum mesmo; a natureza humana tem uma inclinação especial para esse defeito, e muito poucos dentre nós não nutrem um sentimento de complacência para consigo mesmos, sob pretexto de uma ou outra qualidade, real ou imaginária. Vaidade e orgulho são coisas diferentes, embora sejam palavras usadas muitas vezes como sinônimos. A pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho está mais ligado à opinião que temos de nós mesmos, e a vaidade, ao que os outros pensam de nós.

— Se eu fosse tão rico quanto o sr. Darcy — exclamou um dos meninos Lucas, que viera com as irmãs —, não ia preocupar-me em ser orgulhoso. Teria uma matilha de cães de caça e beberia uma garrafa de vinho por dia.

— Então você beberia muito mais do que deveria — disse a sra. Bennet — e, se eu pegasse você fazendo isso, tiraria imediatamente a garrafa da sua frente.

O menino protestou que ela não faria isso; e ela continuou a declarar que sim e a discussão só terminou quando a visita acabou.

Capítulo 6

As damas de Longbourn logo foram visitar as de Netherfield. A visita em breve foi devidamente retribuída. Os modos agradáveis da srta. Bennet aumentaram a estima da sra. Hurst e da srta. Bingley; e, embora a mãe fosse considerada insuportável e as jovens irmãs pouco dignas de participar de uma conversa, expressaram o desejo de ter melhores relações com *elas*, no que se referia às duas mais velhas. Jane recebeu essa atenção com o maior prazer, mas Elizabeth ainda viu altivez no tratamento que davam a todos, sem exceção até da irmã, e não conseguiu gostar delas, embora essa gentileza com Jane, tal como era, tivesse valor por ter origem muito provavelmente na admiração do irmão. Era em geral evidente, todas as vezes que se encontravam, que ele a *admirava* e para *ela* era igualmente evidente que crescia em Jane o sentimento que começara a ter por ele desde a primeira vez que o vira, e que tal sentimento caminhava para se transformar num grande amor; mas via com prazer que isso provavelmente não seria descoberto pelas pessoas em geral, uma vez que Jane unia à intensidade de sentimentos um temperamento moderado e um constante bom humor que a protegeriam das suspeitas dos impertinentes. Falou sobre isso com a amiga, a srta. Lucas.

— Talvez seja divertido — replicou Charlotte — poder enganar o público num caso como esse; mas às vezes é uma desvantagem ser tão reservada. Se a mulher esconder o seu afeto do seu objeto com muita habilidade, pode perder a oportunidade de cativá-lo; e não servirá de muito consolo achar que todos igualmente ignorem o que se passa. Há tanta gratidão ou vaidade em quase todos os relacionamentos amorosos, que não é seguro deixar nenhum deles entregue a si mesmo. Todos podemos *começar* espontaneamente (uma ligeira preferência é muito natural); mas

muito poucos de nós somos corajosos o suficiente para nos apaixonarmos de verdade sem um incentivo. Em nove de cada dez casos, seria melhor a mulher demonstrar *mais* afeição do que sente. Sem dúvida, Bingley gosta da sua irmã; mas talvez nunca vá além disso, se ela não encorajá-lo de algum modo.

— Mas é o que ela faz, tanto quanto o permite a sua natureza. Se eu consigo perceber seu amor, ele teria de ser muito simplório para não descobri-lo também.

— Lembre-se, Eliza, ele não conhece a Jane tão bem quanto você.

— Mas se uma mulher gosta de um homem, e não se preocupa em esconder isso, ele deve descobrir.

— Talvez ele descubra, se a vir com frequência. Mas, apesar de Bingley e Jane se encontrarem com razoável frequência, nunca passam muitas horas juntos; e, como sempre se veem em festas com muitas pessoas diferentes, é impossível que passem o tempo inteiro juntos a conversar. Jane deve, portanto, tirar o máximo proveito de cada meia hora em que consiga tomar conta de sua atenção. Quando estiver segura dele, terá todo o tempo do mundo para apaixonar-se.

— O seu plano é bom — replicou Elizabeth —, e nele tudo gira ao redor do desejo de conseguir um bom casamento, e, se eu estivesse decidida a conquistar um marido rico, tenho certeza de que o adotaria. Mas os sentimentos de Jane são outros; ela não está planejando o que faz. Por enquanto, ela não tem sequer certeza sobre a intensidade dos próprios sentimentos, nem de sua sensatez. Ela o conheceu há apenas quinze dias. Dançou quatro vezes com ele em Meryton; viu-o uma manhã na casa dele, e desde então jantou quatro vezes com ele, sempre acompanhada. Isso não é o suficiente para que possa conhecer o caráter dele.

— Não como você pinta as coisas. Se ela só tivesse *jantado* com ele, só poderia ter descoberto que ele tem bom apetite; mas você deve lembrar-se de que passaram juntos quatro saraus... e quatro saraus podem significar muita coisa.

— Sim; esses quatro saraus permitiram-lhes descobrir que ambos gostam mais de jogar vinte e um do que *commerce*; mas, no que se refere a

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Orgulho e preconceito" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).